

Entre o culto do passado e o cultivo do presente, o drama da fazenda mineira

(publicado no jornal “DBO” de maio de 1985)

Mário Mazzei Guimarães pergunta: como se manteve e como vai manter-se fazenda com solar erguido em 1750?

Cultuar o passado e cultivar o presente pode tornar-se uma contingência em muitas fazendas antigas do interior do Brasil, que apresentam condições para resistir à decadência, e cujos detentores não se conformem com ela. Seria o caso da Fazenda Favacho (lugar de favas?), em Cruzília, MG, o decantado berço da família Junqueira, possivelmente a mais tradicionalista e mais persistente nos hábitos rurais das que se identificam no país.

Ela situa-se no Sul de Minas, na bacia do Rio Verde, formador do Rio Sapucaí, por sua vez afluente do Grande, que, com o Paranaíba, compõe o Paraná. Está no raio de influência do famoso “Circuito das Águas”, formado pelas estâncias de Caxambu, São Lourenço, Cambuquira e Lambari. Nessa fazenda, permaneceu, pela herança, o domínio de um ramo central da família Junqueira, até pouco tempo, quando surgiu o impasse, mais dramático do que em eventuais e similares situações anteriores: aguentar ou vender? Preferiu-se a segunda ponta do dilema, com a atenuante de que a propriedade passou a mãos de Junqueira, embora de outros galhos do mesmo tronco e até com alta porcentagem de sangue de outras famílias. Mas nas quais o vendedor localizou o mesmo empenho em manter o legado, com os aperfeiçoamentos do tempo e as adaptações que a sobrevivência reclamar.

A PRÉ-HISTÓRIA

O lugar onde hoje se instala a Fazenda Favacho foi ponto de convergência de mineradores da época setecentista, que

exploravam os veios de ouro das bacias do Baependi, Peixe, Verde, etc. A casa da fazenda e a capela, devotada a São José, foram construídas por uma companhia de mineração, por volta de 1750. A capela ainda mantém, no frontispício da entrada, a memória escrita, em gravação rústica: “Benta a 1-1-1761 – D. a S. José”. Mas a construção seria anterior. Tudo lembrando o límpido barroco da época, o chamado colonial do século XVIII.

Decaída a mineração, o primeiro Junqueira, ainda português, João Francisco, casado com gente da região, de origem ilhoa, e enriquecido na mineração, comprou em 1764 a Favacho, então abrangendo 9 mil hectares, e tornou-se o portador das construções, grandiosas na época para uma simples fazenda: foram erguidas para sede de um conjunto de catas de ouro. Mas nelas se instalou, e nelas nasceram sete filhos, o mais velho dos quais, João Francisco Junqueira, o Filho, continuou na fazenda; e o mais novo deles, o Barão de Alfenas, deixou nome na política e no Mangalarga, “o cavalo dos Junqueira”.

Ambos, o patriarca e o filho mais moço, o barão acham-se enterrados em São Tomé das Letras, lugar próximo, famoso por suas inscrições pré-históricas. Antes mesmo da morte de João Francisco, principiou a dispersão da família, a princípio tímida, pela região mesmo, reforçada pelos casamentos, muito comum entre primos; depois, mais ousada, atingindo regiões mais distantes de Minas e aventurando-se por São Paulo, onde, no século passado, era comum a gente Junqueira com fazenda pela Mogiana e pela Paulista Velha. Formaram-se mesmo núcleos típicos, como os de Orlândia e Colina, os primos se cruzando à larga e concentrando o sangue.

O SOLENE E O TRIVIAL

O velho João Francisco, ficado no lugar, pacificado como fazendeiro – diz a tradição da família que por influência da mulher -, foi sucedido na Favacho por João Francisco Junqueira

Filho, o herdeiro mais velho. A este, de pai para filho, sucederam-se José Frausino Junqueira, a quem se atribuem grandes mudanças na exploração agropecuária do imóvel; Francisco Olinto Forte Junqueira (morto em acidente, quando caçava na fazenda); e Gabriel Francisco Junqueira de Andrade, este também com marcas fortes em instalações para a exploração de gado leiteiro e eqüinos. A sexta geração foi representada inicialmente pelos filhos de Gabriel, Geraldo e Rubens Junqueira de Andrade.

O primeiro apartou-se do irmão, indo afazendar-se em São José do Rio Pardo, SP, onde comprou velha fazenda de café, transformando-a em pecuária (ver último DBO, págs. 46 e seguintes). Rubens continuou só, ajudado pela flama da mulher, dona Nísia Aguiar, que não é Junqueira, mas, fazendeira em Santo Antonio do Amparo, MG, soube avaliar a importância do legado familiar de que se tornou co-depositária. Empenhou-se mesmo, paciente mas energicamente, em que neutralizar os ingênuos desperdícios de anteriores mulheres de casa, que presenteavam os parentes com móveis e peças várias do acervo concentrado na sede da Favacho. Recuperou o grosso dessas doações, feitas as vezes puerilmente por quem preferia uma cama-patente a uma vasta cama com alto espaldar entalhado na cabeceira e artístico dossel bordado. A sede da Favacho hoje é um rico museu de louças, cristais e móveis antigos, desde os tempos coloniais, quase tudo de uso dos antepassados Junqueira.

A casa mede cerca de mil metros quadrados e mantém seu risco original, exceto na parte dos fundos, onde o último proprietário em linha reta, Rubens, transformou um corredor e antigos cômodos em espaçoso living para almoço e estar, instalou copa e nova cozinha, e acrescentou uma confortável varanda desfigurativa, mesmo do lado externo. Percebe-se que o casal e os filhos, sob a pressão da convivência com parentes “modernos” e cuidando da sociabilidade, deram um passo no sentido de separar a parte monumental, corrigida por banheiros, da parte da rotina caseira: aquela servindo apenas para visitas de

cerimônia ou de curiosidade e dormitório, bem como para jantares comemorativos em vasto salão, e a outra para o dia-a-dia do convívio familiar e das visitas simples. O monumento pegado ao lar. O moderno para o cultivo da vida presente justaposto ao antigo, cultuado.

O ÚLTIMO FAZENDEIRO

Perdido o pai na década de 50, os irmãos Geraldo e Rubens Junqueira de Andrade já podiam contar com uma rede de mercado de leite mais adequada à exploração econômica do rebanho e dos pastos. Ficando só, Rubens valeu-se de estrutura armada pelo pai e acentuou a exploração leiteira, não deixando de lado a velha companhia da Favacho, o Mangalarga. Fazia naturalmente a lavoura branca, para consumo e comércio.

A fazenda, inicialmente com 9 mil hectares, desmembrou-se pela herança e pela venda (em regra entre parentes) e, no tempo de Rubens, estava com 3.400 hectares. O gado em uso era mestiço de Holandês com Zebu. A terra dominante é de campo limpo (40%), havendo ainda cerradão, a melhor (30%), cerrado (25%) e várzea (5%). Nas partes melhores, instalou-se o capim-gordura e, perto da sede e dos retiros, piquetes de outros capins, como o quicuí. O número de casas habitáveis, resíduo dos tempos coloniais e imperiais, era relativamente grande para as necessidades do pastoreio. Dessa forma, havia (e há) na Favacho sempre algum material de construção, sobretudo telhas, para novas benfeitorias. Num curral de embarque, feito há pouco, o atual proprietário usou velharengas telhas “paulistas” na parte coberta, destelhando residências vazias.

A DURA LARGADA

Com hábitos rurais e grande vocação agrícola, e se é apegado pelo sangue à Favacho (seus pais e irmãos mortos acham-se enterrados no cemitério que rodeia a capela) e tendo ainda mulher de origem fazendeira de devotada ao culto do

monumento familiar, como deu na cabeça de Rubens vender a propriedade?

O fator econômico deve ter pesado demais. A conservação da fazenda e das suas valiosas e históricas benfeitorias custava muito. A exploração leiteira salvo pequenos hiatos, é pouco rendosa, e até deficitária anos seguidos. A topografia acidentada não ajuda a formação de grandes lavouras mecanizadas. A pecuária de corte não tem tradição na área. Os irmão que se libertaram do “complexo da Favacho”, apesar do culto afetivo, mas platônico, que lhe devotam, parece que obtiveram mais sorte financeira que ele, em empreendimentos rurais de fora.

No fundo, Rubens estava à custa própria, sendo o guardião da família, da enorme e opulenta família Junqueira, que se ramificava por Minas, São Paulo e outros Estados, geralmente devotada às lides rurais e ... à caça, e que venerava o ninho da Favacho, mas a respeitosa distância. Rubens até promoveu grandes reuniões do imenso clã, como uma, famosa, em 1981, quando compareceram cerca de 1.500 parentes. Cada um pagou a sua cota na despesa estimada, mas o ônus da organização e os naturais estragos de uma comemoração dessas recaíram sobre o fazendeiro, que ficou no toco, e a sua mulher.

Acontece ainda que Rubens se mostrava cansado e assumia outro compromisso, de tocar fazenda vinda da família da mulher, no município de Santo Antonio do Amparo, mais ao Norte, além de lavras e Perdões. Achou que deveria passar o facho. “Achei que deveria vender e, se preciso, venderia até a estranho. Mas é lógico que preferia alguém da família”. Os irmão se interessaram, mas não chegaram a uma solução.

O SIM DA MULHER

Daí o negócio com um Junqueira pela metade, o paulista José Mário Junqueira de Azevedo, sem ascendência rural, pelo

menos próxima, do lado paterno, gente pernambucana da magistratura e do cartório, ele mesmo um serventuário. Mas Junqueira com ramificação dupla até o patriarca, pelo flanco materno, e casado com Junqueira de Colina & Monte Azul, SP, também com mão dupla na linhagem estaqueada na Favacho.

Empresário rural em Mato Grosso do Sul e no Acre (já foi em São Paulo e no Paraná), presidente e diretor de entidades rurais de âmbito nacional com sede em São Paulo, José Mário é meio Junqueira pelo sangue, mas inteirinho pelo sentimento e também pelo culto intelectual. Tem a história (e as lendas) da família na cabeça, é uma espécie de intérprete e mesmo de teórico do que poderia se chamar de “junqueirismo” – podendo trançar em outras atividades, mas sempre com o umbigo preso à terra e à sua exploração, do puramente venatório ao mais sofisticado cultivo.

A mulher de Rubens, dona Nísia Aguiar, aprovou a venda e a escolha do comprador, e o negócio se fez, a preço relativamente módico, mesmo para a época (fins de 1982), de Cr\$ 130 milhões, a prazo médio, abrangendo 2.100 hectares (quase 870 alqueires dos da medida paulista e 700 dos da medida de Cruzília, já que, na região, varia muito o âmbito da medida de lugar para lugar).

Dona Nísia perguntada pelo repórter, numa visita à fazenda, explicou: “saudades, eu sinto, gosto daqui, trabalhei aqui, e aqui fiz a família. Mas tudo tem seu tempo e hora. E chegou a hora de vender. O Rubens estava sobrecarregado, ficando cansado, tínhamos que sair. O problema era deixar o barco em mãos de quem o tocasse para frente. Não me arrependo do negócio”.

O casal mora tranqüilamente na cidade de Cruzília, a dois passos da velha e ampla igreja local. Os filhos, afazendados, tocam a vida, e um deles com parte da Favacho, na serra, a cavaleiro da gleba passada a Zé Mário e onde até cultivava café. Aliás, Rubens, no seu afã de dar destino econômico à fazenda,

também tentou a cafeicultura, de pouca tradição no lugar, mas foi derrotado pelas geadas. Parou na década de 70, deixando inúteis o terreirão armado à frente da sede e a máquina de café Pinhalense que chegou a montar.

A VEZ DO EMPRESÁRIO

E o novo dono da Favacho, que com a compra recebeu o duplo legado de cuidar da fazenda e do solar e capela e de cumprir a tradição dos Junqueira, que está fazendo e o que pensa fazer?

Para começar, “isto é patrimônio de família”, espécie de bem fora do comércio, José Mário tem filhos mais Junqueira pelo sangue do que ele, e com apego à agropecuária. Tem para onde passar o facho recebido. Mas não quer a Favacho para mero desfrute sentimental: é empresário, quer fazer dinheiro nela.

Em dois anos principiou tarefas, para incutir o seu estilo pessoal, mais de empresário do que o de Rubens, a rigor um fazendeiro. Está destocando, arando e corrigindo os cerradões para a formação de pastagens artificiais, e já dispõe de 150 hectares formados de andropogon e braquiária (decumbens e braquiarão), meio a meio, além de pasto de pangola na várzea.

Este ano, espera formar mais 100 de andropogon, para ele mais rústico e de melhor pasto que a braquiária. Entra no cerrado, mas já está abordando o cerrado e o campo limpo.

Mantém o gado leiteiro, como Rubens, mas em pequena escala, embora comercial (umas 100 cabeças). Entretanto, o seu principal alvo pecuário é o bovino de corte, base Nelore. Em breve, estará com 2.500 novilhas e vários reprodutores, e espera a primeira colheita maciça de bezerros. Na Favacho, planeja criar e recriar; e, numa fazenda que comprou em Resende, RJ, à beira do mercado carioca, “muito valorizado e que paga à vista”, vai engordar os garrotes dos campos da Favacho, transformado em pastagens artificiais. Complementarmente,

prepara-se para formar canavial que lastreie uma microdestilaria de álcool e um alambique. Lança, ainda, um rebanho de búfalos Jaffarabadi. E, como Junqueira, não perde a linha: tem jumento gerando muares numa eguada.

“Cavalo exige muita craneação para vender; o burro, vêm buscar na porta, nem precisa chamar”. Mas não vai à últimas como dissidente familiar: também tem o seu plantel, de base Mangalarga Paulista, com umas tinturas de mineiro e Campolina. Tudo tende a sair pampa, como a mãe do garanhão e a aguadas que já levou para a Favacho. Talvez os filhos do atual dono possam dizer no futuro: “o Pampa da Favacho”.

Café? José Mário renega de supetão. Não o animam os cafezais (bons) que adornam encostas do lugar. O longo e duro inverno cruziliense, com geadas escorchantes, seria eterna limitação.

E o solar dos Junqueira? E a capela em louvor de São José? José Mário também pretende conservá-los, bem como o cemitério, onde patrões e peões de várias gerações se reencontram debaixo da terra, e as respectivas amuradas. Ainda em 19 de março último, prestigiou grande festa religiosa que anualmente ali se realiza, reunindo até mil pessoas das redondezas e acusando presença até de deputado e mais gente importante. Mas não pretende dar as vastas festas aos Junqueiras. Talvez pense em isolar a área sede e da capela, numa espécie de monumento arquitetônico e museu familiar, com antigas peças de mobiliário, oratórios, pratarias, fotos e quadros antigos – símbolo do Brasil colonial da mineração e que, na zona, foi mantido pelo esforço do agricultor e do criador.

Seria uma atração turística, a enriquecer as outras já existentes na região e desfrutadas pelos que freqüentam as estâncias do “Circuito das Águas”. Seria o Junqueira, tido como “fechado”, abrindo-se ao público. A sede poderia tornar-se auto-sustentável e estimular uma conservação mais caprichosa, desde os interiores até os caminhos e os jardins.

O explicável e o inexplicável

A sede da Fazenda Favacho está erguida numa colina, dominadora, com a frente para a nascente, e a fachada das janelas principais para o Norte. Os fundos dão para o Sul. E, por detrás deles, mas “dentro dos muros”, estendem-se os estábulos e os currais, obra do antepenúltimo titular. À esquerda de quem olha para o Norte, das janelas dando para o terreirão empedrado, está uma ala de cômodos de serventia, num dos quais o penúltimo titular instalou a máquina de benefício de café, que ali ainda jaz. Só mais para o Norte, numa baixada, instalam-se as velhas cocheiras e os paióis (colhem-se cerca de 80 carros de milho, este anos). A área murada, com pedra, tijolo e taipa, em torno da sede, mede quatro hectares).

Para o lado do nascente, mais ou menos, amplamente avistada da sede, ergue-se a capela dedicada a São José, toda murada quadrangularmente, com um cemitério aos fundos e do lado esquerdo (neste, o mausoléu onde estão os restos de Gabriel e Adelina, os penúltimos donos da Favacho). Da porta da sede à da capela, vão mais ou menos 500 metros em linha reta. À frente da capela, uma grande cruz de madeira. No baixio, entre a sede e a capela, há curso d’água represado, e a lagoa, cheia de tilápias e traíras, além de local de banho dos búfalos e bebedouro de gado, reforça a merenda dos pescadores do lugar.

Explica-se a existência da sede da Favacho, numa região de terras relativamente pobres e muito acidentadas, sem que por ela tivesse passado o café, esparramador de riqueza e abridor de amplos e profundos alicerces: é que, por detrás do belo solar, houve a retranca próxima da mineração do ouro. Mas, e a sede da Fazenda Traituba, em Cruzília mesmo, maior ainda, uns 1.500 metros de área construída, com amplos gramados em redor, e mobiliário que lembra tempos faustosos?

A casa, no momento em reparos, comemora 150 anos, vem portanto de época mais recente, do Império. O fundador, João Pedro Diniz Junqueira, genro do Junqueira patriarca, era tido como comerciante muito rico, mas investir naquele lugar e naquele tempo, sem uma exploração lastreadora ? O motor seria a larga escravaria vinda das minas exauridas? Além da mão-de-obra de construção, ela dava aluguel e era mercadoria de venda... Do café, os Junqueira garantem que não saiu dinheiro.

O assunto naturalmente será objeto de conversas na festa que vai reunir a Junqueirada pelos quatro cantos do país, em setembro próximo, na festa de aniversário da Traituba, com os seus amplos salões lembrando saraus imperiais, o piano de 1862 ainda afinado, a mobília de 13 peças de assento da sala de visitas, o oratório de antes de 1830, e vastas mesas, e camas, e arcas, e canastras, da mais sólida madeira e da arte mais genuína e datada.